

# **AGROECOLOGIA COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL: A EXPERIÊNCIA DO SÍTIO SÃO PEDRO EM SÃO DOMINGOS DO CAPIM NORDESTE PARAENSE**

*Agroecología estrategia de desarrollo rural sostenible como: la experiencia del sitio de San Pedro en Santo Domingo De La Hierba noreste Pará*

Eixo Temático: Espacios Rurales, Agricultura y Seguridad Alimentaria.

**BESSA MARTINS, Thiago Luan**

Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, [thiagobessa92@gmail.com](mailto:thiagobessa92@gmail.com).

**RESUMO:** Objetivamos com este trabalho analisar uma experiência camponesa de transição agroecológica, que procura se desenvolver em uma dimensão múltipla, a fim de compreender os limites e perspectivas desta estratégia para construir um processo de desenvolvimento sustentável, empoderando o camponês como protagonista, considerando seus saberes tradicionais como necessários ao desenvolvimento rural. Abordaremos neste artigo uma pesquisa de campo realizada em julho de 2014, no sítio São Pedro, propriedade do Sr. Pedreco e de sua esposa Sra. Zinalva, como são chamados, os dois são lideranças camponesas, que fazem parte da direção da Associação dos Pequenos Produtores Rurais, Extrativistas e Pescadores Artesanais – APEPA, os referidos agricultores tem no seu sítio a representação de um espaço de resistência, no qual desenvolvem práticas pautadas na transição agroecológica, buscando a sustentabilidade nas dimensões, social, cultural, política, ecológica e econômica. Este estudo justifica-se no contexto de um espaço rural marcado pela desigualdade social, por relações sociais dicotômicas entre campesinato e agronegócio, onde o latifúndio se mantém no centro do poder político e econômico, este setor impõe ao campesinato a necessidade de desenvolver estratégias fora desta lógica. Metodologicamente, esta pesquisa entende o campesinato como uma categoria social que é sujeita de sua realidade, capaz de desenvolver estratégias de resistência. Esta pesquisa está assentada na revisão de literatura, que busca nos dar um suporte teórico, além de nos fornecer dados secundários, e no estudo de caso, sem pretensões de conseguir esclarecer todas as minúcias do campo, mas trazendo para a discussão proposta, elementos empíricos, relacionando-os com a teoria, utilizamos como técnica de pesquisa, observações, entrevistas semiestruturadas, e conversas gravadas, para obter dados primários. Constatamos em campo, que a experiência abordada tem sido bem sucedida, dando conta de ser uma referência, na produção de alimentos, na construção de uma agricultura sustentável de forma multidimensional e gerando um novo paradigma para o campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agroecologia. Espaço Rural. Campesinato. Desenvolvimento Sustentável.

**RESUMEN:** El objetivo de este trabajo analizar una experiencia campesina de transición agroecológica, que busca convertirse en una dimensión múltiple, con el fin de entender los límites y perspectivas de esta estrategia para construir un proceso de desarrollo sostenible, potenciando el protagonista campesina considerando su conocimiento tradicional como necesaria para el desarrollo rural. Vamos a discutir en este artículo un estudio de campo realizado en julio de 2014, en el sitio de San Pedro, de propiedad del señor Pedreco y su esposa la señora Zinalva, como se les llama, son los dos líderes campesinos que forman parte de los dirigentes de la Asociación de Pequeños los agricultores, pescadores y extractivas - APEPA, dijo agricultores tienen en su sitio la representación de un espacio de resistencia, en el que desarrollar prácticas basadas en la transición agroecológica, en busca de la sostenibilidad en, social, cultural, político, ecológico y económico. Este estudio se justifica en el contexto de un espacio rural marcado por la desigualdad social, de las relaciones sociales dicotómicas entre campesinos y la agroindustria, donde el latifundio sigue siendo el núcleo de poder político y económico, este sector requiere el campesinado la necesidad de desarrollar estrategias que de aquel la lógica. Metodológicamente, esta investigación considera el campesinado como una categoría social que es objeto de su realidad, capaz de desarrollar estrategias de resistencia. Esta investigación se basa en la revisión de la literatura, que pretende darnos un apoyo teórico, y proporcionar los datos secundarios, y en el estudio de caso, aunque no se destinen a lograr esclarecer todos los detalles del campo, pero traer a la discusión propuesta, la evidencia empírica, relacionándolos con la teoría, se utiliza como una técnica de investigación, observaciones, entrevistas semiestruturadas y conversaciones grabadas, para los datos primarios. Se encuentra en el campo, que abordó la experiencia ha sido un éxito, dándose cuenta de ser una referencia en la producción de alimentos, en la construcción de la agricultura sostenible en

una forma multidimensional y la creación de un nuevo paradigma para el campo.

**PALABRAS CLAVE:** Agroecología. Área Rústica. Campesinado. Desarrollo Sostenible.

## 1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo abordar a experiência visitada em campo, no dia 7, de julho de 2014, dentro de uma perspectiva para se pensar uma sustentabilidade para o campo, que possua múltiplas dimensões: social, ambiental, política cultural e econômica. Pensando o campo em uma totalizante, que garanta o camponês, o agricultor familiar, como agentes e protagonistas do processo de desenvolvimento em que esses tenham sua autonomia e seus direitos territoriais respeitados.

Nos delimitaremos em abordar a experiência da propriedade do Sr. Pedreco, Pedro Araújo agricultor, em São Domingos do Capim-PA, no sítio São Pedro, as margens do rio Capim, é a última da comunidade Monte São, subindo o rio, O Sr. Pedreco e sua esposa a Sra. Zinalva Freitas, agricultora, são dirigentes da Associação dos Pequenos Produtores Rurais, Extrativistas e Pescadores Artesanais – APEPA, sua experiência é considerada uma referência em SAF's e Agroecologia.

A comunidade é composta por 42 famílias oriundas em sua grande maioria da própria região, fica distante 9 km da sede do município, a maioria das famílias da comunidade é oriunda da própria comunidade ou de comunidades vizinhas. O Sr. Pedreco nasceu na referida comunidade já sua esposa, Sra. Zinalva veio de uma comunidade localizada do outro lado do Rio Capim. Na comunidade muitas das propriedades não são tituladas, incluindo a propriedade abordada, que está em processo de titulação, mas possui áreas que foram compradas no curso da trajetória dos agricultores que já possuíam documentação, não estando toda propriedade na mesma situação.

A metodologia desta pesquisa está assentada na pesquisa de campo, buscando trazer elementos empíricos para a discussão, utilizando as entrevistas não estruturadas, como principal fonte de obtenção de dados, e também fazendo uso de fotos e observações, além da utilização de referencial teórico.

## 2 - UMA DISCUSSÃO SOBRE O DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE.

Queremos com este trabalho mostrar uma experiência de desenvolvimento rural sustentável, evidenciar um paradigma alternativo ao paradigma da revolução verde. Portanto faz-se importante considerarmos o que Martins (2009) explica, que a América Latina não superou o estágio de fronteira, sendo este um lugar de alteridade, onde se tem o outro e não o nós, espaço de conflito e encontro de diferentes, onde as temporalidades e os atores sociais se conflitam, “*A história do recente deslocamento da fronteira é uma história de destruição. Mas, é também uma história de resistência, de revolta, de protesto, de sonho e de esperança.*”, (MARTINS 2009, p. 132).

Escobar (2010) trata e analisa o desenvolvimento como uma experiência histórica singular, como criação de um domínio de pensamento e ação, onde articulam-se características: formas de conhecimento que produzem sua existência; sistemas de poder que regram suas práticas e formas de subjetividade. É importante percebermos que essa concepção de desenvolvimento vinculada ao capital, ciência e tecnologia, está atrelada a uma episteme e a um sistema de representações ocidentais capitalistas a serviço de uma classe social hegemônica. Portanto é imprescindível que se rompa com essa epistemi.

Escobar (2010) ainda propõe que ao passo que se desconstrói este discurso, - evidenciando seu uso e suas intencionalidades, sendo um poderoso instrumento ideológico a serviço de uma hegemonia imperialista, presente desde o colonialismo, - se construa em paralelo, alternativas fora da plataforma do desenvolvimento, um pós-desenvolvimento, que esteja baseado nas diversas formas de organização e na cultura desses países “subdesenvolvidos”, de forma contextualizada levando em conta a formação econômica e social e outras questões particulares.

Assim, neste trabalho optamos em utilizar o conceito campesinato conforme Shanin (2005) apresenta, sendo heterogêneo, inserido na estrutura societária mais geral, dotado de uma autonomia relativa, controle dos meios de produção, com o planejamento da produção e cálculo de desempenho diferente da empresa capitalista, com uma lógica de produção diferenciada voltada para satisfação da unidade familiar.

Enquanto o campo brasileiro tiver a marca da extrema desigualdade social e a figura do latifúndio se mantiver no centro do poder político e econômico – esteja ele associado ou não ao capital industrial e financeiro –, o campesinato permanece como conceito-chave para decifrar os processos sociais e políticos que ocorrem neste espaço e suas contradições. (MARQUEZ, 2008, p. 58)

Portanto para falar da necessidade de um desenvolvimento rural sustentável, devemos antes conseguir nos instrumentalizar para desvendar a realidade do campo no Brasil. Para isso, entendemos que o conceito de campesinato é fundamental para a tarefa de produzir conhecimento que sirva de instrumento para proporcionar uma mudança nas políticas públicas voltadas as estratégias de desenvolvimento rural.

É salutar trazer para discussão o “Desenvolvimento Sustentável”, que pode ser abordado de mais de uma maneira, como aponta Caporal e Costabeber (2000), ressaltando que pode estar apoiado na mesma lógica exposta por Escobar (2010), ou ainda estar inserida nos marcos de novos paradigmas de desenvolvimento, de maneira complexa, ultrapassando os aspectos meramente econômicos ponderando dimensões sociais, ambientais e culturais. Deixando assim de considerar como parâmetros os padrões de vida e consumo das nações ocidentais capitalistas industrializadas.

Sendo portanto, a Amazônia uma fronteira, é também o espaço de resistência, onde se forjam alternativas - e aqui iremos abordar uma específica, que certamente é uma experiência envolta de sonho e esperança, que rompe com o padrão predominante no modelo da revolução verde - é um espaço que permite a recampeisinação, com a reprodução de relações produtivas e sociais distantes da lógica capitalista.

Contudo é importante que este estado de fronteira seja superado através de uma territorialização camponesa, que pode ocorrer apenas com a superação das agroestratégias que objetivam retirar obstáculos político jurídico-formais e político-administrativos (ALMEIDA e MARIN, 2010), e ainda superar as demais formas de expropriação das terras camponesas.

Contudo optamos ao contrário de Escobar (2010) em tratar o desenvolvimento de forma processual e complexa, propiciando o protagonismo das populações camponesas, que buscam qualidade de vida, tendo como a agroecologia como principal estratégia, para garantir a sustentabilidade econômica, social, ambiental, cultural e política.

### **3 - AGROECOLOGIA COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA BUSCA POR QUALIDADE DE VIDA: a experiência do Sr. Pedreco e da Sra. Zinalva no sítio São Pedro na comunidade Monte Sião no município de São Domingos do Capim.**

Segundo Navarro (S.D.) o conhecimento científico articulado aos saberes tradicionais das populações camponesas são a base da agroecologia. O que permite que se pense um processo de desenvolvimento rural realmente sustentável, onde o agente de desenvolvimento, protagonista deste processo seja o próprio agricultor. Isto faz necessário que se reconheça e se desenvolva técnicas e tecnologias contextualizadas, que fortaleçam a autonomia camponesa.

Entendendo que hoje temos o paradigma da revolução verde ainda muito presente no espaço rural, sendo inclusive hegemônico (NAVARRO, S.D.), ou seja, o agricultor família, o camponês é colocado como o espelho do atraso, contudo a agroecologia, modifica isto, com um enfoque científico totalizante consegue demonstrar que as limitações nas múltiplas dimensões do

modelo da agricultura convencional, abrindo espaço para as práticas agroecológicas que referendam a organização social das comunidades camponesas, se constituindo como novo paradigma de desenvolvimento rural sustentável.

O processo de transição conforme os relatos se inicia a mais de trinta anos sendo importante considerar que hoje mesmo sendo uma experiência bastante destacada ainda se encontra em processo de transição agroecológica, tendo desenvolvido de forma multidimensional.

Na dimensão política (SEVILLA GUZMÁN, 2013) os agricultores tem repensado o modelo de desenvolvimento a partir de uma consciência coletiva, forjada através da organização social, centrada num desenvolvimento endógeno, com sua associação de produtores tendo papel ativo, para o empoderamento e criação de um organicidade que tenha uma identidade coletiva, é algo que já começa a ser forjado na comunidade, tendo mesmo uma vida comunitária, existe também o que Sra. Zinalva define como mudança de mentalidade, com seus filhos que como os princípios agroecológicos buscam conhecimento técnico e científico para auxiliar juntamente dos conhecimentos tradicionais na produção a fim de gerar bem estar para a família, demonstrando uma consciência intergeracional, outro ponto que vem mostrando um grande avanço na dimensão política é o fato de os agricultores estarem sempre em contato com outros agricultores ampliando uma rede de experiências de transição agroecológica.

Transparece nos relatos dos agricultores um processo de transição na dimensão socioeconômica e cultural, já inclusive com a criação de uma relação de proximidade com os consumidores que como nos conta os relatos do casal, chegam a ir comprar a produção diretamente no sítio, onde os consumidores rompem com movimento de circulação tradicional do mercado, potencializando o processo de ruptura com o sistema agroalimentar hegemônico se enquadrando no que Sevilla Guzmán (2013), coloca como princípio da dimensão socioeconômica e cultural. Contudo é importante que se diga que se trata ainda de algo não completo, isto mesmo se tratando da propriedade aqui abordada, também não se apresenta da mesma forma em outras propriedades.



**Figura 1: Sra. Zinalva em 07/07/2014.**

**Foto BESSA MARTINS, T. L.**



**Figura 2 Sr. Pedreco em 07/07/2014.**

**Foto BESSA MARTINS, T. L.**

Na visita de campo constatou-se que a propriedade, é um experiência agroecológica bem sucedida, com um SAF bastante diversificado, contudo nem sempre foi assim outrora, “*Há uns trinta anos atrás se você chegasse aqui você iria ver bastante cipó e espinho, ainda existe áreas assim que é para mostrar como era, então isso aqui foi tudo semeado.*”, Relatou a Sra Zinalva. Revelando também a motivação que levou as tomadas de decisão que conduziram a propriedade para uma transição agroecológica, ela esclarece:

*Na verdade agroecologia não é um pacote pra mim, é a minha concepção como agricultora, a minha ideia. Na verdade a 20 ou 30 anos atrás, não se falava em sistemas agroflorestais, agroecologia e outros termos por ai. Quando a gente iniciou esse trabalho aqui, a única coisa que a gente pensava era ter o que comer. A gente veio de família bem humilde tanto eu*

*quanto o Pedro, e a gente pensava assim, não queremos que nossos filhos passem por coisa que nós passamos, ter a sorte de não ter nem alimento, eu acho que é uma das maiores violências que existe. Existe ‘n’ violências, mas a fome é uma das piores. Fome é aquela que você vai pro trabalho e você sabe que quando você voltar pra casa, vai ta com fome, mas não vai ter o que comer, nós chegamos a passar por isso. Então foi assim que começamos esse trabalho, através da luta incansável de ter alimento, só isso que a gente pensava. (Zinalva Freitas, agricultora, São Domingos do Capim, 07/072014).*

O fragmento acima ilustra a motivação de começarem a semear diversas espécies, evidenciando que era para gerar alimentos, contudo a assistência técnica veio posteriormente, veio principalmente com o surgimento da Associação, que moveu a comunidade em busca de capacitação técnica, já que como relata o Sr. Pedreco, antes ele só sabia o que aprendia olhando a natureza e o que ensinavam para ele, nas trocas de conhecimento na comunidade e entre comunidades, essas trocas não se restringem somente a conhecimento, mas a sementes e até a produção segundo relatos do casal.

A dimensão técnico-produtiva ou ecológica de que fala Sevilla Guzmán (2013), também foi sendo potencializada conforme o processo de transição foi ocorrendo na produção, passando pela implantação de um sistema agroflorestral diversificado, onde existe o manejo e o cuidado com a escolha das espécies, que objetiva produzir mais de forma mais sustentável, tendo cuidados com as relações dos elementos bióticos e abióticos, os agricultores também ressaltam a preocupação em não suar insumos externos, mostrando estar em consonância com os princípios agroecológicos.

*e ai começou a luta em busca de capacitação, em busca de informação, é aquilo que eu falei pra vocês antes né aqui vocês veem não tem nem energia elétrica [...] se você não for em busca, a coisa fica pior ainda, e a gente começou a buscar e a associação, ela nos ajudou muito, porque vieram os cursos de capacitação e foi no que nós conhecemos o doutor Kato da Embrapa, que comprou a briga o que não é fácil (Zinalva Freitas, agricultora, São Domingos do Capim, 07/072014).*

A associação teve papel imprescindível para criar uma autonomia na dimensão política da comunidade, potencializando as tomadas de decisão, interferindo diretamente em outras dimensões inclusive na dimensão produtiva do SAF da propriedade, como em outras propriedades, a medida que proporcionou, uma interação diferenciada entre os agricultores, que possibilitou que eles se reconheçam como agentes de transformação, protagonistas do seu local, e aliando conhecimento científico técnico com os saberes tradicionais e o potencial de inovação dos próprios agricultor, se criou as bases para a inserção da agroecologia, que por já ser algo experimentado no sítio São Pedro, e por isso ser concebido como viável por outros agricultores, se torna efetivamente uma estratégia de desenvolvimento sustentável, nova e atrativa.

*eu troquei vários dias de trabalho pras pessoas me ensinarem a plantar o que eu não sabia plantar, né? (...) Fiz mais de 1 ha de açaí, plantado toda a semente, todo no padrão e todo no espaço, e esse açaizal foi o primeiro açaizal que eu construí na vida e açaí até hoje nunca deu, ainda não colhi dele (Pedro Araújo, agricultor, São Domingos do Capim, 07/07/2014)*

Contudo trata-se de experimentação e o Sr. Pedreco relata que quando começou nem tudo deu certo, como é o caso do açaí que até hoje não teria dado frutos, ele também relata que foi “através disso que eu fui voltar a estudar a natureza, que muitas coisas eu aprendi aqui na natureza, dentro dela, ela ensinando (...) aprendendo aqui dentro dessa escola que é a mata...”, demonstrando sua relação com a natureza e a construção dos saberes úteis ao agricultor. O agricultor segue contando como acontece sua relação com a formação externa:

*“Todos esses estudos que a gente faz, através desses cursos, que a gente aprende, eu trago um pouco pra dentro da propriedade e eu chego aqui, eu não vou*

*colocar minha propriedade em baixo em cima daquele curso não, eu chego aqui vou fazer meu experimento, se der certo, ai sim, eu começo a aumentar minha produção, se der errado eu já paro por ai” (Pedro Araújo, agricultor, São Domingos do Capim, 07/07/2014).*

Pedro nos conta no fragmento acima, que não subordina sua produção perante os saberes técnicos e científicos, mas sim que tenta dar unidade entre esses e o que aprendeu enquanto agricultor, da sua relação com a natureza e que a prática é um principio para sustentabilidade, demonstrando que a dimensão cultural está presente, colocando em prática o que a anos ele aprendeu, sobre a obtenção e aplicação de novos conhecimentos.

*Em 2000, quando nós fundamos a associação APEPA, a gente viu que tava entrando rede de malha aqui até dezoito, então já era uma pesca predatória, a gente hoje sabe que é uma pesca predatória, naquela época não se falava em pesca predatória, naquela época a gente pensava assim, vai acabar os peixes do jeito que ta indo, porque pegavam os filhotes, então a APEPA surgiu daí, dessa luta para ser... assim dar uma parada nessa situação né... As pessoas vinham pegavam aqueles peixes pequeninos e a gente morador ficava olhando o que tava acontecendo, então a gente começou a buscar, ir atrás de informação para tentar resolver esse problema, ai fundamos a associação APEPA, em, 19 de agosto de 2000. (Zinalva Freitas, agricultora, São Domingos do Capim, 07/072014).*

É importante que se leve em consideração que mesmo antes da associação e do contato efetivo com a assistência técnica e capacitação para SAF e Agroecologia, os agricultores do sítio aqui abordado, já realizavam práticas inovadoras e já realizavam um processo de transição agroecológica, mesmo sem a noção da terminologia e da teoria formulada na academia, os próprios agricultores já possuíam alguns princípios agroecológicos, como a manutenção do ecossistema para prover alimentos, como o que motivou a fundação da APEPA, na qual o casal é dirigente, sendo o Sr. Pedreco Presidente e a Sra. Zinalva Secretária de Capacitação da associação

Este certamente é um caso que demonstra que o potencial das camadas subalternas tomarem decisões e formular as estratégias para sua reprodução social e para o desenvolvimento de forma sustentável e multidimensional. Gandin, 2008, p.221, afirma que é “importante recuperar as vozes e historias alternativas” pois apesar de existir um modelo hegemônico, temos de empreender um esforço para criar modelos alternativos ao dominante. E ainda segundo o autor “Não é que os subalternos não estejam falando. Eles levantam suas vozes, mas os discursos dominantes normalmente são mais fortes e abafam as alternativas”.

*qual é o símbolo do agricultor, é um jeca tatu não é!? Aquele ser humano lá dentro do mato com um chapeuzinho na cabeça, ele ta desnutrido, cheio de verminose, essa [imagem] querendo ou não ainda prevalece. Hoje estamos lutando para mudar, e há muitas mudanças, mas ainda não chega a um percentual que a gente gostaria que chegasse, hoje tem filho de agricultor que tem vergonha de dizer que é filho de agricultor, porque existem frases tipo, olha menino se tu não estudar, tu vai pra roça, vocês já ouviram alguém falar isso? Ta dizendo o que? Ta dizendo que a roça é castigo, que a roça é a pior das coisas, ninguém quer ir pra roça. Porque? Nós estamos na roça, queremos estar na roça, gostamos de estar na roça. Nossos filhos começam a ter outra mentalidade [...] buscam conhecimento para gente ficar aqui, isso para nós é muito gratificante. (Zinalva Freitas, agricultora, São Domingos do Capim, 07/072014).*

A agricultora expressa uma noção crítica em relação ao estereotipo criado sobre os agricultores, e faz um contraponto, demonstra que a percepção de bem estar, do que é o melhor mesmo em questão de juízo de valor, varia conforme o ator social, ressaltando para isso que se pode ter qualidade de vida e acesso a cidadania, mesmo estando no campo, em outro momento Pedro, ao falar da energia elétrica, diz que “nós queremos pagar a energia, não queremos de graça, queremos

mostrar que também somos cidadãos brasileiros”, o agricultor relatava que a comunidade não tinha acesso energia elétrica regular, e tinha de recorrer ao uso de geradores, porém isso impossibilitava o uso constante devido a necessidade de queima de combustível, o que tornava o custo elevado e impossibilitava que se estocasse polpa de frutas e outros alimentos.

Segundo Coporal e Petersen (2014), as políticas públicas não revelam uma intencionalidade de buscar mais sustentabilidade, em contraponto aparecem pontualmente em algumas iniciativas do governo. Contudo os autores concebem a transição agroecológica como condição fundamental para reorientar o modelo de desenvolvimento rural, constituição de um modelo baseado na sustentabilidade econômica, social e ambiental. Os autores argumentam que o potencial transformador dos nichos de inovação sociopolítica está limitado em uma conjuntura onde não há força política na sociedade civil capaz de contrabalancear e fazer valer seus interesses nos espaços de disputa onde se estabelecem as estratégias de desenvolvimento. Ainda segundo os autores, as ações do estado estão orientadas a reafirmar a hegemonia do agronegócio nos planos político econômico e ideológico, contudo algumas ações pontuais abrem espaço para o surgimento de alternativas que possam servir de modelo para alterar a correlação de forças.

Com isso a busca por políticas públicas como a promoção do acesso energia elétrica, a saúde e a educação, são espaços de disputa que as populações camponesas não podem abrir mão. Portanto faz-se importante e imprescindível a organização das comunidades para buscar o acesso as políticas pública embora elas estejam hegemonicamente voltadas a promover o desenvolvimento de outro ator social.

Os agricultores também ressaltavam que procuravam beneficiar os seus produtos sempre que possível, como é o caso do cacau, que era produzido o chocolate, o que despendia um pouco mais de trabalho, mas trazia um rendimento financeiro mais elevado. E ainda há a produção de artesanato, que usa material reciclado e outros provenientes do SAF.



**Figura 3**Artesanato produzido pela família. 07/07/2014. Foto BESSA MARTINS, T. L.

A religiosidade também parece ser importante para sociabilidade da comunidade, sendo como a Sra. Zinalva relata importante por reunir toda a comunidade, e integra-la mesmo a quem não é religioso, ajuda em determinados momentos.

É perceptível também as trocas com os outros agricultores que propiciam um desenvolvimento conjunto, algumas práticas como os mutirões a troca ou mesmo a doação de

sementes, são práticas presentes na comunidade, o que demonstra uma percepção de que a cooperação em detrimento da concorrência, contribui mais para o desenvolvimento e bem estar das famílias.

#### **4 - APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS**

A experiência do sítio São Pedro, propriedade do casal, Sr. Pedreco e Sra. Zinalva, é uma experiência agroecológica bem sucedida, bastante importante, pois propicia a propagação da agroecologia como estratégia para o desenvolvimento rural sustentável. Genuinamente vem demonstrar que o camponês mesmo em condições adversas é capaz desenvolver suas estratégias de reprodução social, sendo ele o agente de desenvolvimento para sua realidade, e que por ter uma lógica diferente do empreendimento capitalista, o planejamento de sua produção também é diferente, geralmente buscando o bem estar da unidade familiar.

O papel da associação é bastante destacado para a comunidade, pelos relatos vem desempenhando uma agenda de cooperação na comunidade, e dotando-a de um elevado grau de autonomia política, influenciando também em outras dimensões como cultural e mesmo produtiva.

O Sr. Pedreco, demonstra ter bastante perspicácia, ao mediar a relação entre saberes técnico científicos e saberes locais, preservando a sua autonomia, e sabendo se relacionar de forma harmoniosa com a natureza.

É importante salientar que a perspectiva do casal é a agroecológica não simplesmente pelas relações ecológicas mais sustentáveis, mas pelo caráter totalizante que envolve diversas relações no empreendimento familiar.

Disputar o acesso as políticas públicas, é algo que se faz necessário, apesar das intencionalidades do estado ao promover tais políticas, estas também podem se encaixar nas estratégias dos agricultores como salutares ao desenvolvimento de uma alternativa para o campo no Brasil.

Ter a agroecologia como estratégia de desenvolvimento rural sustentável é ter um enfoque totalizante, multidisciplinar, que promova uma cooperação entre os saberes tradicionais e os saberes técnico científicos, encarando o agricultor como o principal agente do desenvolvimento rural sustentável, mostrando que sua autonomia e capacidade de inovação sócio-política e técnica é capaz de dar conta de promover esse um novo paradigma, capaz de superar o estágio de fronteira no espaço rural e superar o paradigma da revolução verde.

#### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; MARIN, Rosa Acevedo. Campanhas de Desterritorialização na Amazônia: o agronegócio e a reestruturação do mercado de terras. In Amazônia: região universal e teatro do mundo. São Paulo: Editora Globo, 2010.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável: Perspectivas para uma Nova Extensão Rural. Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.,Porto Alegre, v.1, n1, jan./mar.2000.

CAPORAL, F., PETERSEN, P.. Agroecologia e políticas públicas na América Latina: O caso do Brasil. **Agroecología**, América do Norte, 6, Dec. 2011. Disponível em: <<http://revistas.um.es/agroecologia/article/view/160681>>. Acesso em: 14 May. 2014.



ESCOBAR, Arturo. El desarrollo y la antropología de la modernidade. In: Uma minga para el postdesarrollo: lugar, médio ambiente, y movimientos sociales em las transformaciones globales. Lima: UNC, 2010, p. 33-56.

GANDIN, L. A. Criando Alternativas Reais Às Políticas Neoliberais em Educação: O Projeto Escola Cidadã. In: Michael W. Apple & Kristen L. Buras (Org.). Currículo Poder e Lutas Educacionais: Com a palavra, os subalternos. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARQUES, M. I. M. A atualidade do uso do conceito de camponês. REVISTA NERA – ANO 11, N. 12 – JANEIRO/JUNHO DE 2008 – ISSN: 1806-6755

MARTINS, J. S.. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. Cap. 4 - O tempo da fronteira: retorno da controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. São Paulo: Contexto, 2009. pp.131-179.

NAVARRO, Manuel González de Molina. Orígenes Históricos De La Agroecología. In Lectura Nº 1-3 Del Modulo De Trabajo Personal: Programa Interuniversitario Oficial De Posgrado: “Agroecología: Un Enfoque Sustentable De La Agricultura Ecológica”. [S.D.]

OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. Rev. FAE, Curitiba, v.5, n.2, p.37-48, maio/ago. 2002.

SEVILLA GUZMÁN, E. 2013. El despliegue de la sociología agraria hacia la Agroecología. **Cuaderno Interdisciplinar de Desarrollo Sostenible**, v. 10, Fundación Cajamar, p. 85-109. abr. 2013. [www.cuides.com](http://www.cuides.com) <<http://www.cuides.com>

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. Tradução de SARTI, Cynhia A.; BRANT, Wanda Caldeira. **Revista Nera**, v.8, n.7, p. 1-21, 2005.